

# Deportar milhões de imigrantes dá certo?

» JOSÉ PASTORE

Professor aposentado da FEA-USP, presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP e membro da Academia Paulista de Letras

A questão da imigração tem aquecido o debate político nos Estados Unidos e na Europa. Donald Trump promete deportar 20 milhões de imigrantes ilegais (sic). E tem apoio de muitos eleitores que sentem o seu emprego ameaçado. O mesmo ocorre na Europa. Na Inglaterra, essa ideia garantiu o sucesso do Brexit. Apesar de tanta reação contrária, as pesquisas mostram que, do ponto de vista econômico, os imigrantes colaboram muito com os países de destino. Na União Europeia, 22% da população têm origem fora do bloco. Nos Estados Unidos, quase 20% da força de trabalho é formada por imigrantes.

Nos dois continentes, a maioria dos imigrantes trabalha em atividades rejeitadas pelos americanos e europeus, como agricultura, limpeza urbana, construção, transporte de carga, táxis, hotéis e restaurantes. Na saúde, igualmente, cresce a colaboração dos imigrantes para cobrir a escassez de profissionais locais de enfermagem, farmácia, fisioterapia e medicina.

Não há dúvida de que a imigração preenche importantes lacunas no mercado de trabalho naqueles países. Se os imigrantes são importantes agora, eles serão imprescindíveis no médio e longo prazos. Tanto nos Estados Unidos quanto

na Europa, a taxa de fecundidade está anêmica — bem abaixo de 2,1 filhos por mulher, que é o mínimo necessário para recompor a população. Com menos crianças, haverá menos jovens e insuficiência de trabalhadores.

É verdade que a imigração causa despesas e tensões sociais. Isso tem levado as discussões políticas para os extremos. Nos Estados Unidos, Trump defende a bandeira da deportação. Na Europa, os partidos de direita prometem estancar a imigração.

Em artigo recente publicado no jornal O Estado de São Paulo, o professor Oliver Stuenkel, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, mostrou que os imigrantes que moram nos Estados Unidos funcionam como uma espécie de “salva-vidas” em face da escassez de mão de obra que afeta vários setores. Para ele, a eventual deportação dos imigrantes latino-americanos e outros produziria uma verdadeira catástrofe econômica naquele país.

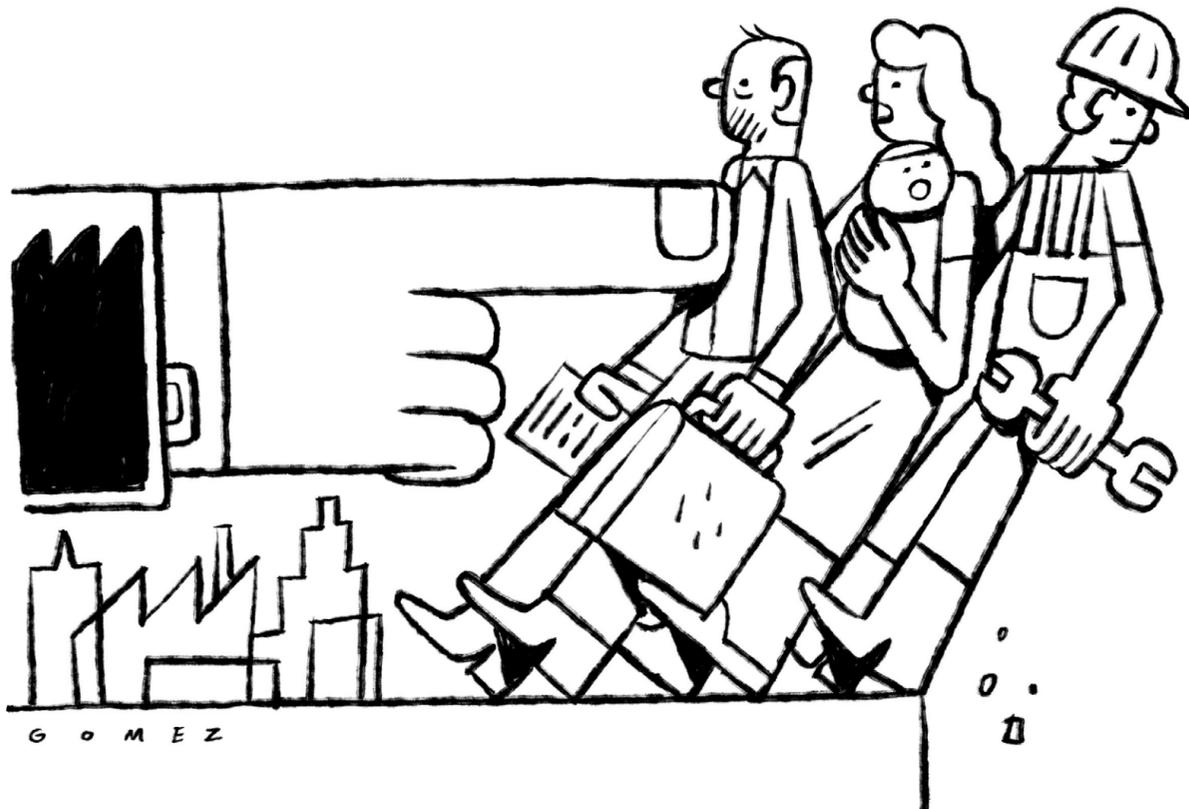
Muitos argumentam que a escassez de mão de obra será compensada com a entrada maciça de novas tecnologias no setor produtivo. Isso é verdade. Mas essa substituição não é trivial nem automática. Várias atividades permanecerão presenciais por um bom tempo. Ademais, as próprias tecnologias criarão demandas, como já ocorre. Cito aqui o exemplo da explosão

do setor de logística e de entregas pessoais, que decorre da rápida expansão das compras on-line, inclusive dos restaurantes, supermercados, farmácias e outros estabelecimentos.

O processo de destruição e criação de empregos exigirá muita requalificação dos profissionais para atender às novas demandas de trabalho. Os próprios imigrantes passarão por esse processo e, uma vez “repaginados”, continuarão a dar a sua contribuição às economias dos países.

Em nações em que a população cresce pouco e o potencial da economia força o crescimento, a imigração é essencial. Até no Brasil, isso é verdade, como ocorreu no início do século 20, com a chegada de japoneses e europeus e, agora, em pequena escala, para amenizar a escassez de mão de obra que ocorre nos setores da construção, transporte, indústria de alimentos e outras. Entre 2023/24, tivemos um aumento de 53% da entrada de imigrantes venezuelanos, cubanos, nicaraguenses, haitianos, nigerianos e outros.

Não há dúvida. A imigração tende a ser onerosa a curto prazo, pois demanda muitos recursos públicos. Mas, no médio prazo, a grande maioria dos imigrantes se integra e dá uma colaboração positiva aos países de destino.



## Valorização do esporte e da atividade física na UnB: imaginar, participar e transformar

» FELIPE RODRIGUES DA COSTA

Professor da Faculdade de Educação Física da UnB, presidente da Associação Brasileira sobre Dupla Carreira Esportiva (ABDC)

» MARISETTE PERALTA SAFONS

Professora da Faculdade de Educação Física da UnB

A comunidade da Universidade de Brasília (UnB) escolheu, no último dia 5, os professores Rozana Naves e Márcio de Farias como futuros dirigentes máximos da instituição. Pelos próximos quatro anos, decidimos por uma mudança nos rumos acadêmicos e administrativos da principal instituição de ensino superior do Centro-Oeste e da sétima universidade federal do país. A confirmação da vontade da comunidade acadêmica passou pelo Conselho Universitário e aguarda a nomeação pelo Presidente da República.

Com expressiva votação em todos os segmentos — discentes, docentes e técnicos —, o programa da Chapa 93-Imagine UnB conquistou 65% dos votantes, que confiaram no forte discurso em defesa da democracia e da justiça socioambiental, pela garantia que postula alçar a diversidade, a equidade e a inclusão como eixos estruturantes e imprescindíveis de uma instituição pública, gratuita, autônoma e de qualidade.

Os desafios que a chapa 93, democrática e legitimamente vitoriosa na consulta, terão que enfrentar são diversos e envolvem temas relacionados ao ensino (a entrada e permanência discente), à pesquisa (financiamento e internacionalização), à extensão (capilaridade e condição de atendimento), à valorização do seu corpo técnico e da desburocratização de processos.

A promoção da saúde e da qualidade de vida nos campi é um tema relevante e presente no cotidiano da Universidade de Brasília.

Reconhecida por sua excelência, a UnB demonstra seu compromisso com o bem-estar de sua comunidade ao adotar práticas e políticas alinhadas às melhores diretrizes nacionais e internacionais. A cultura, a arte e o esporte são eixos fundamentais no processo de promoção da saúde física e mental de toda a comunidade e indissociáveis do dia a dia da nossa instituição, que exibe uma ampla estrutura para a oferta e o atendimento dessas demandas.

Compreender seus espaços físicos como de interesse institucional ampliado, e não de determinada unidade, será um passo importante para qualificar as ações de extensão, artísticas, culturais e esportivas. O Centro Olímpico da UnB, um dos maiores complexos esportivos universitários do país, com parque aquático, campos de futebol, quadras poliesportivas, ginásio e um complexo de atletismo com certificação internacional, é um patrimônio da UnB e da comunidade em geral. No entanto, a falta de recursos financeiros tem comprometido a manutenção das instalações, que estão sob a responsabilidade da Faculdade de Educação Física.

A comunidade acadêmica e esportiva clama por mais investimentos para garantir a preservação e o pleno funcionamento desse importante espaço. Promover a acessibilidade a todo o Centro Olímpico é, além de um desafio, uma urgência. Parcerias com entidades do nível do Comitê Paralímpico Brasileiro esbarram em condições estruturais e de acessibilidade que precisam de soluções eficientes.

Outro desafio importante é assumir, de fato, a importância da Diretoria de Esportes e Atividades Comunitárias (e suas respectivas coordenações) para a implementação, o acompanhamento e a avaliação das ações que são de sua responsabilidade. Retomar projetos como os Jogos Internos da UnB e os Festivais de Música são demandas antigas, necessárias e devem ser tratadas como assuntos institucionais.

A Universidade de Brasília precisa urgentemente de uma política institucional que valorize o esporte e garanta o financiamento adequado para suas atividades. A prática esportiva é fundamental para a promoção da saúde e do bem-estar dos estudantes, além de contribuir para a formação integral dos futuros profissionais. A nova Lei Geral do Esporte, que prevê o esporte para toda a vida, reforça a necessidade de políticas públicas que incentivem a prática esportiva em todos os níveis de ensino. A UnB, com sua grande comunidade estudantil, tem um papel fundamental nesse processo.

A Universidade de Brasília celebra a diversidade de sua comunidade e reconhece o papel fundamental do esporte, da arte e da cultura na promoção da inclusão social. Ao oferecer atividades para homens, mulheres, pessoas idosas, comunidade LGBTQIA+ e indígenas, cria um ambiente em que todos se sentem valorizados e respeitados. Por meio do esporte, da arte e da cultura, a universidade busca fortalecer os laços entre seus membros e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## As pontes da ONU

Justamente neste momento em que o mundo parece precisar, mais do que nunca, de um organismo internacional respeitável e de caráter intergovernamental para impedir que uma nova guerra mundial se alastre por todo o planeta, as Nações Unidas atravessam o que pode ser considerado a sua mais severa crise interna de gestão e, portanto, de credibilidade. Essa é uma péssima notícia para o mundo, que vinha tendo nesse órgão ao menos uma chance de mediação política desses conflitos.

Ao caminhar para a irrelevância neste século 21, diante de um mundo que parece se dissolver sob nossos pés, a ONU pode se transformar de solução a mais um problema a ser enfrentado. Uma reforma interna dentro desse organismo é urgente, antes que os ponteiros do relógio do apocalipse marquem a meia-noite do planeta.

O problema é que não há sinais de que os principais países que compõem esse órgão estejam interessados em fazer esforços para melhorá-lo. A questão é velha conhecida do Ocidente e se prende ao fato de que a política partidária e ideológica, fora de seu contexto natural ou fora de lugar, sempre foi prejudicial ao bom funcionamento de organismos suprapartidários. Isso acontece aqui no Brasil, com a politização de instâncias que deveriam ser infensas a partidários, ocorre em outros países, e na ONU não tem sido diferente.

A politização ideológica das Nações Unidas tem arrastado esse organismo para a vala das nulidades, tornando-a inoperante num mundo em que as polarizações são cada vez mais visíveis. A situação chegou ao seu ponto máximo na 79ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Nesse encontro, não faltaram críticas ao organismo vindas de todas as partes do mundo, sobretudo ao modo como ele vem se posicionando politicamente.

Nem mesmo o governo brasileiro atual, mais alinhado politicamente a essa gestão da ONU, deixou de reclamar da condução desse órgão, que, hoje, demonstra fraqueza em negociar e dialogar em busca da paz, justamente agora em que o mundo apresenta um número recorde de conflitos desde a Segunda Grande Guerra.

Os sinais de que essa crise da ONU vai em um crescente perigo foram dados agora por meio do ministro dos Negócios Estrangeiros israelense, Israel Katz, ao declarar que o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, passou a ser considerado “persona non grata”, sendo proibido de entrar em Israel. Para Katz, Guterres vai ser lembrado como uma “mancha na história da ONU”. Esse fato, por seu simbolismo, diz muito sobre o momento atual das Nações Unidas. Com esse gesto, o secretário-geral da ONU pode perder sua capacidade política de mediar um dos mais perigosos conflitos atuais, tornando-o uma figura meramente decorativa e sem poder moral para negociar. É um golpe na própria ONU.

Para o ministro de Israel, Guterres, por sua posição política à esquerda, tem demonstrado apoio aos terroristas do Hamas, Hezbollah e Houthis e “perdeu o sentido de existência”. Em um planeta já envolto com problemas do aquecimento global e mudanças climáticas, que colocam a humanidade numa encruzilhada nunca antes experienciada, a desmoralização da ONU e de seu secretário-geral é mais um ingrediente a ser somado a essa distopia em que nos encontramos.

Se está ruim com a ONU atual, pior será sem ela. Af, será um Deus nos acuda, porque as mesas de negociação estarão viradas ao avesso. É necessário, neste momento, não destruir as pontes existentes. A questão é fazer uma reforma da ONU, acabando com a politização interna, o que parece fácil, ou deixar que ela afunde juntamente com o restante do mundo, o que pelo visto é mais fácil ainda.

### » A frase que foi pronunciada:

“Uma das principais lições que aprendi nos últimos cinco anos como secretário-geral é que as Nações Unidas não podem funcionar adequadamente sem o apoio da comunidade empresarial e da sociedade civil. Precisamos ter apoio tripartite: os governos, as comunidades empresariais e a sociedade civil.”

Ban Ki-moon

### Novos dias

» Ouvir o taramelado das araras pelo Lago Norte faz o pensamento voltar às aulas de música da Neusa França no Jardim de Infância da 308 Sul. Só lá tinha uma arara que convivia com a criançada. Hoje, são várias famílias da ave cruzando o céu no pôr do sol para abrigos em palmeiras de moradores da região que cuidam e protegem.

### » História de Brasília

Em que pese os ensinamentos do tratadista João Monteiro sobre o sentido jurídico da palavra intimação, encontrei, no velho Caldas Aulete, em abono do referido termo esta definição: “Falar com arrogância ao mandar”, e não é este o caso, cremos nós. (Publicada em 18/2/1962)